



CONTRA OS MONOPÓLIOS UNIDADE POVO - M.F.A.

1. - A operação desencadeada esta madrugada pelo M.F.A. e que levou à prisão de vários administradores do grande capital, entre os quais Jorge de Brito do BIP, Agostinho da Silva e o Almirante Sarmiento Rodrigues da Torralta, assinala a disposição do M.F.A. de vigorosamente cortar o passo a todos quantos pretendam contrariar na fraude, na corrupção, na sabotagem o avanço democrático e o progresso do País. Trata-se de uma aviso sério ao grande capital e às suas manobras anti-populares. Trata-se de um apelo claro a todo o povo para que com a sua iniciativa, unidade e serenidade, apoie o M.F.A. e reforce a acção nacional anti-monopolista.

2.- A batalha essencial dos dias que vivemos é a batalha contra todos aqueles que se agarram ao poder económico, não só como fonte de lucros escandalosos, mas na esperança de recuperarem o poder político, de restabelecerem o fascismo. Não pode haver democracia em Portugal enquanto tais sectores parasitas detiverem nas suas mãos as riquezas do País, fontes de influência política, o autêntico controle da vida nacional, o domínio do dia-a-dia de cada português. Desde o início eles estão contra o 25 DE ABRIL. Desde sempre eles estão contra a liberdade. Entre o povo e os monopólios nunca haverá paz porque os seus interesses se chocam frontalmente. Que se pense nos despedimentos sem motivos reais. Que se pense na fuga de capitais para o estrangeiro enquanto faltam investimentos. Que se pense na recusa de crédito às pequenas e médias empresas. E na descarada exploração dos trabalhadores. E no luxo dos que nada fazem. E na venda da Pátria ao imperialismo.

Há uma única alternativa: povo ou monopólios, liberdade ou fascismo. Ou o povo se afirma fazendo recuar o monopolismo, ou a reacção ganha terreno pondo em causa tudo o que já conquistámos e podemos conquistar.

3.- Que devemos fazer? Compete ao Governo e ao M.F.A. estabelecer e aplicar corajosamente o autêntico plano económico de transição ou emergência, como se queira, mas que ponha sem demora o dedo nas feridas do País, que responda aos problemas concretos, que marque uma linha de rumo nacional, patriótica, democrática, popular, que venha ao encontro do povo e que conte com ele. Que saia dos bastidores e não caia em compromissos vãos. Que levando em conta as dificuldades, saiba mobilizar a população. Para produzir mais, certo. Mas no quadro de uma verdadeira redistribuição de riquezas e de bem-estar. E mais: superando mistificações sectárias, ou formalismo partidário oco, que é uma das expressões políticas do grande capital. Criando e impondo uma autêntica obra colectiva popular, numa larga união das forças que se dedicam à reconstrução do País, ao seu futuro e não à manutenção do passado, sob esta ou aquela forma.

4.- As prisões desta madrugada dos administradores corruptos e sabotadores são um marco salutar na vida do País. Mas é também na iniciativa e na ofensiva económica que a democracia se ganha como pode ser perdida. Urge tomar medidas. Urge que o povo as conheça para que as possa utilizar e multiplicar assim, as forças da democracia nascente. É no conhecimento das dificuldades, na consciência do nosso poder, na libertação das energias populares que será encontrada a via da vitória.

Com o M.F.A., com o Povo, com todas as forças que não temam a vitória.

A V A N C E M O S !.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1974

A COMISSÃO CENTRAL
do

MOVIMENTO DEMOCRÁTICO PORTUGUÊS